

# HISTÓRIA ORAL, DISCURSO E MEMÓRIA

Andrea Silva Domingues<sup>1</sup>  
Newton Guilherme Vale Carrozza<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo propõe discussões acerca das formas de interpretação que recaem sobre o trabalho do historiador na lida com fontes orais, tendo como ponto de apoio um possível diálogo entre a História Oral e a Análise de Discurso, desenvolvida a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux, na França, e seus desdobramentos no Brasil, sobretudo através dos trabalhos de Eni Orlandi. A partir de resultados de trabalhos realizados no interior do Projeto DISUPI – Discurso, Individuação do Sujeito e Processos Identitários – Espaço, Acontecimento e Memória no Sul Mineiro – desenvolvido na Univás, refletimos sobre a necessidade de se considerar os depoimentos como fatos de linguagem, que articulam elementos políticos, simbólicos e ideológicos, considerando que tais fatos materializam discursos nos quais tanto as fontes quanto os historiadores se inscrevem.

**Palavras-Chave:** metodologia; análise de discurso; memória.

## ORAL HISTORY, DISCOURSE AND MEMORY

**Abstract:** This paper proposes discussions, on ways to interpretation, passed on to the work of the historian, in dealing with oral sources, having, as support, a possible dialogue between Oral History and Discourse Analysis, developed from the work of Michel Pêcheux, France, and its consequences in Brazil, particularly, through the work of Eni Orlandi. From the results of work undertaken within the Project DISUPI - Speech, and Individuation of the Subject, Processes Identity - Space, Memory and Happening in South of Minas Gerais - developed in UNIVAS, we reflect on the need to consider the statements as facts of language, which articulate political elements, symbolic and ideological, whereas such facts materialize speeches in which both the sources and the historians subscribe.

**Keywords:** methodology; discourse analysis; memory.

---

<sup>1</sup> Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem e do Curso de História da Universidade do Vale do Sapucaí. Contato: [andrea.domingues@gmail.com](mailto:andrea.domingues@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem e do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade do Vale do Sapucaí. Bolsista do CNPq – Brasil. Contato: [guilhermecarrozza@uol.com.br](mailto:guilhermecarrozza@uol.com.br)

## Apresentação

Não se pode pensar a História como uma ciência do passado, visto que o que buscamos é entender o movimento da história como produção de sentidos. Para tal compreensão, torna-se necessário ao educador/pesquisador estar em contato com as mais diversas áreas do saber e foi nas Ciências da Linguagem, mais especificamente na Análise de Discurso, que passamos a repensar os usos e interpretações dos dizeres, memórias que constituem nossos objetos de análises.

O grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí intitulado “Discurso, Individuação do Sujeito e Processos Identitários - Espaço, Acontecimento e Memória no Sul Mineiro”, nos conduziu a problematizar o campo metodológico da pesquisa histórica, uma vez que o objetivo nas pesquisas realizadas pelo grupo é refletir sobre a identidade na região Sul-Mineira, através da análise de diferentes discursos que nos levam a compreender mecanismos de individuação de sujeitos em seus processos de identificação, tomando como núcleo de interesse o espaço, a memória e o acontecimento. Procuramos, assim, compreender como se dão os processos de produção de sentidos e de identificação presentes neste espaço/região da sociedade brasileira em que se move também a memória<sup>3</sup>.

Politizar o ofício do historiador e o debate das diferentes possibilidades de realização de nossas análises, transcende em muito a preocupação com novos temas, problemas e abordagens, e tem nos conduzido a construir um olhar político que implica colocar-se no presente, com autonomia crítica e, portanto, como protagonista, fazendo da história uma autobiografia, uma avaliação constante do próprio percurso e o reconhecimento da responsabilidade histórica de cada um (SARLO, 1997).

Partindo do reconhecimento da diversidade, da pluralidade, do direito de trabalhar pela construção de projetos alternativos e do uso de novas metodologias de análise, acreditamos que produzir História, nas Ciências da Linguagem – e, particularmente, na Análise de Discurso - nos permitirá contribuir para a sua

---

<sup>3</sup> Informações retiradas do DISUPI - Discurso, individuação do sujeito e processos identitários - espaço, acontecimento e memória no Sul Mineiro - grupo cadastrado no Diretório Grupos de Pesquisa do CNPq, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dra. Eni P. Orlandi, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí.

democratização, pois estaremos reconhecendo uma multiplicidade de sujeitos e agentes, de formas e maneiras de interpretar além do já dito. Para a Análise de Discurso, a História é produção de sentidos. Não é contexto nem explicação, e, sim, um movimento contínuo, exposto a intervenções que se renova a cada dia. Fazer História, nessa perspectiva, significa levar em conta os sujeitos de – e na – linguagem.

### **História Oral como fonte de pesquisa**

O Vale do Sapucaí, localizado no Sul do Estado de Minas Gerais, apresenta-se como lugar privilegiado para diferentes trabalhos de pesquisa sob a abordagem da História, da Memória e do Discurso, em torno da travessia das práticas culturais de homens e mulheres que vivem nesta região.

Estes estudos fortalecem uma reflexão acerca dos modos culturais de viver das pessoas comuns dos espaços públicos e privados, rurais e urbanos do Vale do Sapucaí – Minas Gerais, a fim de tentar compreender as vivências desses agentes históricos, seus caminhos e descaminhos, bem como suas maneiras de fazer: de morar, de cozinhar, de inventar costumes, festejos, modas de viola, enfim, tradições familiares, laços de sociabilidades contidos nos lugarejos e cidades.

Estudar os processos identitários, as práticas culturais e maneiras de fazer no Vale do Sapucaí – MG coloca em evidência as pessoas comuns e seus modos de viver, suas práticas e tradições, suas crenças e valores, assim como as organizações políticas de classe, oferecendo reflexões sobre os desafios do mundo contemporâneo.

Um grande número das pesquisas realizadas pelo Núcleo de Pesquisas em Linguagem se volta para as práticas culturais e para as maneiras de fazer entre gerações de famílias comuns do Vale do Sapucaí – Minas Gerais e como tais gestos constituem os processos identitários e os discursos produzidos.

Na análise dos discursos, das práticas culturais de geração para geração, enfatiza-se o estudo dos *habitus*, comportamentos e estratégias das “artes de fazer” (CERTEAU, 1994: 141). O saber fazer está totalmente ligado às artes e ofícios e invenções cotidianas. Nestas práticas estão contidas as artes do dia-a-dia, na cozinha, no festejo, no bairro rural e outros. No decorrer do século XX muitas dessas práticas foram eliminadas do cotidiano das pessoas, então o saber fazer parece se retirar de suas performances individuais.

Desta maneira, as artes de fazer, no Vale do Sapucaí - MG, podem se tratar de uma arte comum, tal como Coquelin (1999) considera o “lugar comum”, repleto de criatividade. Para Coquelin, “comum” pode ser considerado aquilo que se partilha e se liga a um sentimento comunitário. Partilham-se costumes e também memória. A ideia de que a “arte de lembrar” pode ser considerada uma arte do comum indica, portanto, que se trata de um exercício partilhado e que evoca o espaço público, coletivo e o seu mundo particular. Viver segundo o “lugar comum” pode ser uma arte (COQUELIN, 1999: 15), constituída de experiências que fomentam os vínculos sociais, as distâncias e separações entre as pessoas.

No entanto, mais do que investigar as práticas culturais e as maneiras de fazer, trata-se também de compreender os discursos, o sistema de comportamento, em que estas práticas acontecem, junto da trama familiar e dos lugares do cotidiano em sucessivas gerações.

Parece inegável a importância conquistada pelas questões sociais na historiografia brasileira e mundial dos últimos anos. A intenção de superar a análise histórica, sob o ponto de vista das totalidades, tem conduzido cada vez mais historiadores à investigação da micro-história e ao uso da Análise de Discurso de linha francesa, que propõe a compreensão dos nexos e das relações sociais imbricadas nas formas de significar da atividade humana em todas as suas manifestações. É a partir desta intenção que se fala em totalidade, traduzida na compreensão de novos temas de pesquisa relacionados com as particularidades da vida cotidiana e que vêm sendo discutidos entre analistas de discurso e historiadores. Para isto, a interdisciplinaridade é fundamental, propondo-se construir um olhar crítico que implica colocar-se diante da problemática do presente como protagonista e isto significa fazer da história uma autobiografia e avaliação constante do percurso e responsabilidade individual.

Os discursos, as práticas culturais do Vale do Sapucaí – Minas Gerais abrangem, além das manifestações cotidianas, os laços de sociabilidades e a cultura sensível e material dos homens e mulheres que habitam a região sul-mineira e permitem o estudo da memória, dos discursos e a análise das relações de espaço – cidade e campo – e tempo, dentro das trajetórias de vida individual e coletiva.

Por meio da análise das memórias, é possível a construção dos significados destas maneiras de fazer e a condução para a reflexão das experiências cotidianas dos homens e mulheres que participam desta trajetória. Para isto, é importante que se observe as maneiras como se constroem como sujeitos de suas vidas, buscando entender

o significado das práticas de trabalho e de lazer; seus modos de perceber o passado e o presente; suas habilidades manuais e singularidades culturais.

Neste contexto, metodologicamente, é preciso, portanto, adotar uma atitude crítica e indagativa e, dessa forma, aguçar nossa capacidade de formular novas perguntas aos documentos que compõem o corpus documental das pesquisas realizadas e orientadas.

A fonte oral passa a ser fundamental para o desenvolvimento de um grande número de pesquisas realizadas no sul de Minas Gerais, privilegiando não somente mulheres e homens, mas também famílias e gerações dos lugares investigados. Pode-se, desta maneira, ter uma melhor compreensão do objeto de estudo. A fonte oral, as fotografias, folhetos, cartazes, cartas manuscritas e a presença dos gestos corporais tornam-se fundamentais para a reconstrução da história individual e coletiva desses personagens históricos. Sendo assim, a fonte oral torna-se uma condição necessária para a realização de nossos estudos, pois

Fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas, elas são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que tem tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante (PORTELLI, 1997: 37).

As palavras de Portelli nos remetem a uma análise sobre o significado da oralidade e das linguagens visuais entendidas como práticas sociais, num universo popular, assim como modos de dialogar com elas. Vale ressaltar, pelas palavras de Portelli, que o que se apreende a partir daí tem estreita relação com um trabalho institucionalizado da memória (aquilo que se deve lembrar), quando se refere à “história das classes dominantes”. Do mesmo modo, podemos dizer que o autor aponta para um gesto de resistência, apreensível na língua, quando afirma que as fontes orais são “condição necessária para a história das classes não hegemônicas”.

Na coleta de entrevistas, utilizamos dos “relatos de vida”, ou seja, entrevistas temáticas sobre as respectivas práticas culturais em estudo. Após uma pesquisa exploratória, definimos o número dos entrevistados. As entrevistas são transcritas, transformadas em documentos que permitem as análises e interpretações.

Utilizamos também fotografias extraídas dos arquivos pessoais dos entrevistados e arquivos públicos, que servem como suporte para acelerar o fluxo da memória no momento da coleta das entrevistas, pois as narrativas são experiências

mediadas pela linguagem, pelo ambiente vivido por condições sociais, políticas e religiosas.

Ao pensarmos em estudar os discursos e as memórias, utilizamos a história oral, que é uma construção de diferentes tempos da memória, para valorizar as múltiplas experiências contidas nas diferentes formas de se fazer, refletidas pela cultura oral que é uma vivência, um estar no mundo, o modo de vida dos sujeitos sociais.

No trabalho de reflexão sobre diferentes vozes de habitantes das cidades e como neles funcionam diferentes processos identitários no Sul de Minas Gerais, no Brasil, orientamos várias pesquisas de pós-graduandos e graduandos da Universidade do Vale do Sapucaí, em especial da Pós-Graduação em Ciências da Linguagem e dos cursos de graduação em História e Publicidade. Percebemos assim que, muitas vezes, a comunidade considera que alguns homens ou mulheres são portadores do conhecimento, mas como historiadores e/ou analistas de discurso, pensamos ser este um momento de muita cautela porque, pela própria experiência do depoente indicado, não podemos deixar de supor que pode significar também a instituição de uma memória hegemônica, uma forma de reprodução de um discurso “oficial”. Assim, há necessidade de buscar outras memórias, fazendo com que no diálogo com o depoente a conversa extrapole essa memória constituída, que é uma tarefa difícil, porém não impossível, pois

O trabalho de campo é, por necessidade, um experimento em igualdade, baseado na diferença. É preciso que sempre exista uma linha de diferenças, que depois de transpostas, torne-se plena de significado, mas é necessário que exista também uma “linha”, segundo a qual possamos comunicar o desejo de encontrar um terreno e uma linguagem comuns que possibilitem a troca (PORTELLI, 1997: 14).

É neste trabalho de campo que estão sendo trilhados nossos estudos na busca da troca da linguagem, do aprendizado constante de experimentos de igualdades que possuem o desejo e o diferente na fala de cada depoente, procurando ouvir e aprender um pouco sobre a vida de cada um e suas experiências, pois são os depoentes que possuem e viveram as informações que buscamos, neste momento. Portelli novamente deve ser citado quando, ao se referir aos seus depoentes, diz que

Podemos ter status, mas são eles que têm informações, e gentilmente compartilham conosco. Manter em mente esse fato significa lembrar que estamos falando não com “fontes” – nem estamos por elas sendo ajudados -, mas com pessoas (PORTELLI, 1997: 17).

A proposta do encontro com os depoentes vem sendo na tentativa de traçar essa relação onde se possa fazer que não se sintam apenas um objeto de estudo, mas sim que a entrevista seja para eles, importante pela melhor razão que quiserem, sendo considerados homens vivos e ativos.

No decorrer das entrevistas, confirmou-se a necessidade de fazer da conversa um diálogo solto, com perguntas abertas que tornassem aquele momento uma conversa informal, uma ocasião em que os depoentes pudessem se soltar, buscando em suas memórias, lembranças, saudades distantes, momentos importantes, expressos por meio dos gestos, faces tristes e alegres, expressões e palavras que pudessem demonstrar suas ansiedades, desejos e sentimentos relacionados ao processo identitário no Sul de Minas Gerais - Brasil.

A História Oral tem sido uma das grandes contribuições no estudo das experiências de homens e mulheres em diversos e diferentes setores da sociedade, abrindo um caminho de conhecimento e possibilidades de valorização a grupos sociais até então invisíveis na documentação escrita. A oralidade tem sido considerada uma importante fonte em nossos estudos, porque é um instrumento de formulação e de construção de memória social, como produção de consciências e formulação de referências identitárias. Dentro dessa trama de passado e presente, ocorre um diálogo permanente que vai analisando, (re)criando e identificando diferentes sentidos à realidade vivida. Nesse exercício de observar, ser ouvinte, a oralidade mergulha em uma multiplicidade de vozes, sinais escondidos nas experiências de vida, que não são localizadas nas memórias consideradas oficiais

A história oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo coerente depois de reunidos (PORTELLI, 1997: 16).

É buscando pensar sobre este “mosaico” que nossas pesquisas caminham, na direção de refletir sobre as diferentes lembranças e realidades envolvidas na constituição dos processos identitários e culturais, pois, para estes pesquisadores, fonte oral é uma fonte viva, inacabada. Portanto, a história que propomos a fazer é uma história inacabada; o entrevistado relata e ao mesmo tempo (re)cria sua história de vida através do tempo.

Assim, mais do que trabalhar novos temas e abordagens, trata-se de propô-los de forma a (re)afirmar a contemporaneidade e a vitalidade crítica da reflexão,

entendendo que a operação histórica requer um movimento não só retrospectivo, mas fundamentalmente prospectivo, sempre colocando em causa as relações entre Memória, Discurso e História. Como qualquer experiência humana, a memória é também um campo minado pelas lutas sociais: um campo de luta política, de verdades que se batem, no qual esforços de ocultação e de clarificação estão presentes na disputa entre sujeitos históricos diversos, produtores de diferentes versões, interpretações, valores e práticas culturais.

### **A Memória e a Análise de Discurso**

No campo teórico da Análise de Discurso, a compreensão dos fatos do discurso vão além da busca por eventos, aspectos históricos da sociedade em torno das ações do sujeito no tempo e espaço. Considera-se a história na sua materialidade, propondo-se pensar a historicidade como constitutiva do discurso.

Neste lugar do discurso em que o sujeito é convidado a interpretar, a tomar posição, ele se constitui determinado por fatores sociais, econômicos, políticos, históricos, ideológicos, pois como nos afirma Orlandi (1996: 22) “a vida aí se põe em questão. Porque o espaço da interpretação é o espaço do possível, da falha, do efeito metafórico, do equívoco em suma: do trabalho da história e do significante, em outras palavras, do trabalho do sujeito”.

Como é possível observar a relação do sujeito com a língua, à memória é fundamental em sua maneira de ser e de estar no mundo. Em nossa sociedade, constituída por um modo de existência capitalista, há maneiras de falar, autorizadas ou não, em contraposição a outras, pois no movimento dos sentidos “não se pode dizer aquilo que (se poderia, mas) foi proibido” (ORLANDI, 1995: 108). Afinal, “falar é uma prática política, no sentido largo do político, quando se consideram as relações históricas e sociais do poder, sempre inscritas na linguagem” (ORLANDI, 2009: 5).

Discutir a relação da memória, da história e da análise do discurso é fundamental para que se possa, de fato, compreender os diferentes sentidos dos trabalhos que utilizam como metodologia a história oral, como um lugar que nos possibilita contato e interlocução entre a história e as demais ciências sociais e do comportamento, aproximando o historiador dos acontecimentos que analisa, entendendo que

Como metodologia, a história oral remete a uma dimensão técnica e a uma dimensão teórica. Esta última evidentemente a transcende e

concerne à disciplina histórica como um todo. O fato de compreendermos a teoria como campo à parte, relacionado à história oral porém dela distinto... (FERREIRA; AMADO, 1998: 9).

O artigo aqui apresentado aborda uma dimensão diferenciada, buscamos avançar nas várias possibilidades metodológicas da história oral, para realização de pesquisas no sul de Minas Gerais, no Brasil. Conhecer as muitas memórias e outras histórias pelos discursos produzidos por diferentes corpora documentais e sujeitos é ir além da história, tendo como ponto de partida a linguagem, pois como nos diz Orlandi (2009) é pelo discurso que podemos compreender os modos pelos quais se dá a individuação do sujeito. Os processos identitários se fazem em diferentes espaços de memória.

Nas pesquisas realizadas pelos nossos orientandos, a memória não foi tomada vinculada à questão psicológica, como um depositário de conteúdos, mas sim como um espaço permeado de conflitos, em que os sentidos passam por uma regularização e desregularização, que segundo Mutti (2005: 1), é “mobilizada pelo acontecimento novo, que se situa como força capaz de fazer um buraco nos sistemas de implícitos, impedindo-os de se assimilarem como mera paráfrase, mas se transformando em possibilidade geradora de sentido diferente”.

Dois conceitos básicos, do lado da História, são necessários para entendermos as memórias dos sujeitos envolvidos nas histórias do Sul de Minas Gerais. A memória individual e a memória coletiva. Por memória individual entende-se uma intuição sensível que pode ser construída ou simulada (construção do passado a partir do presente), que passa pelo referencial do sujeito. A memória coletiva apoia-se ao passado vivido e é partilhada, transmitida e também construída pelo grupo ou sociedade (HALBWACHS, 1990).

As memórias individual e coletiva, conforme Halbwachs (1990) explica, se inter-relacionam, alimentam-se na memória histórica e vivem em constante embate pelo *status* de construírem a história. A memória é imprescindível para a reconstituição do passado, sendo considerada um recurso fundamental para a identidade e para a história. Vale lembrar, porém, que “reconstituir o passado” a partir das falas presentes, significa “construir um passado” tendo como referência o tempo presente, o que, segundo Castoriadis (1982), já não corresponderia ao passado vivido, mas sim a uma versão<sup>4</sup> dele. Nesse sentido, o que surge, a partir das entrevistas, é o resultado dos embates dos

---

<sup>4</sup> É. Orlandi (2012) quem nos diz que não há uma “verdade” absoluta sobre os fatos. “O que há são versões”.

elementos vivos das memórias disponíveis, que funciona diferentemente nos sujeitos depoentes, em função das formações discursivas nas quais se inscrevem.

Em nossa experiência, como educadores e pesquisadores, percebemos que a memória invade os espaços da sala de aula destituindo o que foi apresentado pelo professor como válido, pois traz em si o pano de fundo cultural que forma os alunos e se diferencia profundamente da história ensinada. O mundo da vida se faz presente nos espaços escolares e nas relações pedagógicas e a cultura social historicamente constituída que questiona as verdades apresentadas pela História (MONTEIRO, 2003).

Assim, a memória deve aqui ser entendida como os sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída pelo historiador (PÊCHEUX, 2010).

Nas pesquisas realizadas por nossos orientandos percebe-se que a memória social está sempre presente na sala de aula, na mente dos alunos e na do professor. Muitas vezes, o que acontece é que ela não é expressa, manifesta de forma explícita e, às vezes, traz elementos conservadores e retrógrados que precisariam ser postos em questão. A memória como elemento invasivo questiona o posto como verdade naturalizada, pois a verdade estabelecida no ensino de história entra em choque com as pretensões existentes no mundo da vida (AZEVEDO, 2008: 129). Esta questão nos aproxima da perspectiva de compreender as relações estabelecidas na sala de aula via atos de fala.

Sendo assim, relembremos Pollak (1989) quando afirma que devemos pensar em um novo “enquadramento da memória”, no qual, sob novos corpora documentais, pode-se interpretar e/ou reinterpretar a história.

Em nossos estudos, entende-se a memória como um discurso instituinte e instituído da realidade e dos sentidos, pois, para Orlandi (1996), ao buscar construir a história dos diferentes agentes sociais, deve-se pensar na linguagem como um conjunto de signos verbais e não verbais repletos de códigos, de sentidos e não sentidos, que permeiam as relações sociais em todos os aspectos políticos, religiosos, familiares, pois “a ilusão de completude está ligada aos processos ideológicos que produzem efeitos de evidência (...), ao mesmo tempo, existe a incompletude no plano da linguagem” (ORLANDI, 1996: 36).

Entretanto a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (LE GOFF, 1996).

O fenômeno da memória não se confunde com a capacidade cognitiva que os indivíduos têm para lembrar algo, uma vez que abarca o conjunto das formulações que circulam na forma de um já dito, cujos elementos atravessam e se constituem no fio do discurso.

Na reflexão sobre a memória, é possível notar as diferentes histórias, o silenciado, a resignificação do passado no presente, pois “a memória desenvolve a aptidão de estar sempre no lugar do outro, mas sem possuí-lo, é ter partido desta alteração, mas sem perder” (CERTEAU, 1994: 31).

Ao realizar os estudos nas Ciências da Linguagem, sobretudo os que têm como foco de questionamento a memória, identificamos que os “discursos fundadores são espaços da identidade histórica e memória temporalizada, que se apresenta como institucional, legítima” (ORLANDI, 2003: 13), fazendo emergir a questão dos discursos oficiais e das diferenças. Para Orlandi, a memória é o interdiscurso, o saber discursivo, a memória do dizer, e sobre a qual não temos controle. Está relacionada ao que foi e é dito em relação a um tema qualquer, e que funciona pelo esquecimento do processo pelo qual esse sentido se constituiu enquanto tal.

Observa-se que a memória é constituída de dizeres já ditos e cristalizados que se atualizam a cada nova situação instituída pelo processo de significação. “A memória [...] é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentidos. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer” (ORLANDI, 2010: 64). E, nesse processo de produzir o discurso, como salienta Orlandi, a importância da memória é acionada no momento em que se enuncia tal assunto, em que todas as referências a tal assunto são provocadas e, assim, elaboradas por meio dos enunciados que possibilitam a utilização do já-dito.

Dessa forma, “(...) a memória suposta pelo discurso é sempre reconstituída na enunciação. A enunciação, então, deve ser tomada, não como advinda do locutor, mas como operações que regulam o encargo, quer dizer, a retomada e a circulação do discurso”. (ACHARD, 2010: 17). Nessa perspectiva, é que podemos tomar, do lado da Análise de Discurso, a noção de historicidade do dizer, propondo a partir de Courtine (1981), que pensemos numa história que se faz, sobretudo, pelos efeitos de memória do já dito e esquecido. Segundo o autor (idem) ao considerar a memória discursiva – o interdiscurso – levamos em conta

Um processo de reconfiguração incessante em função das posições ideológicas que determinada formação discursiva representa em uma

dada conjuntura, a incorporar elementos pré-construídos produzidos no seu exterior, a produzir sua redefinição ou inversão, a suscitar, igualmente, a memória de seus próprios elementos, a organizar sua repetição, mas também a provocar seu próprio desaparecimento, esquecimento ou negação (COURTINE, 1981: 35).

Assim, pensar no interdiscurso, na memória, significa pensar que seus elementos não estão lá da mesma maneira, posto que se relacionam por combinações, embates, oposições, aproximações, no jogo do político. E é justamente no momento da formulação, no lugar no intradiscurso, que se materializa a sequencialização dos elementos do saber, na qual o desnivelamento interdiscursivo dos enunciados está linearizado, em uma superfície única de articulação. Assim, no nível da formulação nivela-se o que, no interdiscurso, está desnivelado. Nesse movimento que produz uma sequência linguística, habitualmente referido como “fio do discurso”, “coerência textual”, “estratégias argumentativas”, é onde o imaginário se mostra no discursivo, onde o sujeito enunciador é produzido, na enunciação, como interiorização da exterioridade do enunciado.

Nesse sentido é que, a partir das pesquisas que vimos fazendo, propomos pensar na história oral levando em conta que há sempre a linguagem atravessando o trabalho do historiador e que não se pode tomar o dizer do depoente como um simples ato de fala, posto que há um exterior que o constitui.

### **Narrativas orais, linguagem e sociedade – algumas experiências no Sul mineiro.**

O texto aqui apresentado é fundamental para ampliarmos nossas discussões, estudos e prática nas relações com nossos orientandos e pesquisadores de outras áreas, em especial das Ciências da Linguagem. Neste momento, tratamos das interpretações históricas e da análise do discurso e como, na prática, é possível estas duas áreas se interligarem, realizando uma interlocução além do pedagógico, teórico e metodológico, e como podemos entender que linguagem, discurso e memória caminham juntos na busca de outras histórias.

Na Universidade do Vale do Sapucaí, localizada na cidade de Pouso Alegre, região Sul de Minas Gerais, há cursos de graduação de diversas áreas, entre elas os cursos de História e Publicidade e Propaganda, e o *stricto sensu* em Ciências da Linguagem, havendo neste contexto uma oportunidade de diálogo constante entre os pesquisadores destas áreas. Foi em encontros de Grupos de Pesquisa como o DISUPI

(Discurso, Individuação do Sujeito e Processos Identitários: espaço, acontecimento e memória no sul mineiro), nas orientações de trabalhos de conclusão do curso e iniciação científica de História e Publicidade e nas orientações do Mestrado em Ciências da Linguagem, que pudemos entender que há uma preocupação metodológica central nos trabalhos de pesquisas que usam de categorias como cultura, memória, discurso e história, em especial aqueles que trabalham com narrativas orais.

Os trabalhos que lidam com narrativas orais nos conduzem a perceber como os entrevistados interpretam experiências, que são posteriormente selecionadas e ordenadas pelo pesquisador a partir de sua reflexão, que considera problemáticas específicas daquele corpus documental. Para estes pesquisadores da área de História e Discurso, há uma discussão metodológica fundamental na elaboração de suas reflexões, a aproximação e diferença entre História e Memória. Para o pesquisador, na área de História e Discurso, tanto a História como a Memória evidenciam conflitos, divergências, há uma luta política pela memória que indica o que devemos lembrar e o que devemos esquecer, pois as “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”. (PORTELLI, 1996: 31).

Na experiência em guiar alguns alunos para usar a fonte oral como uma fonte básica de suas pesquisas na região Sul Mineira – Brasil, sendo estas de fundamental importância para entendermos a história deste país, os temas evocados nos conduziram a repensar questões como educação, festas, discursos jurídicos e publicitários, que revelam as práticas positivistas, coronelistas e capitalistas, constituindo assim uma política que se confirma nos acordos entre representantes do poder que conduzem a permanência da dominação, do racismo, da folclorização, do discurso fundador.

Ao orientar a pesquisa intitulada “Os modos de (se) dizer sujeito-aprendiz: Processos de identificação na Educação de Jovens e Adultos de Pouso Alegre - MG” (LARAIA, 2013), que teve como objetivo entender as diferentes formações discursivas na prática pedagógica do Ensino da EJA (Educação de Jovens e Adultos) na cidade de Pouso Alegre, foi possível perceber as diferentes memórias e sentidos produzidos na construção do processo de identificação de seus educandos, bem como as formas discursivas que emergem do processo de ensino aprendizagem e seus modos de significar para os educandos da EJA. O corpus deste trabalho foi composto de leis que se referem ao Ensino de Jovens e Adultos do país, do período imperial ao tempo presente, e de entrevistas em áudio, transcritas pela pesquisadora. A análise teve como

referencial a Análise de Discurso e realizou uma reflexão acerca da metodologia da história oral nos discursos legislativos e nos depoimentos orais coletados, observando-se os diferentes sentidos que um mesmo enunciado pode assumir, de acordo com a formação discursiva na qual é produzida ou reproduzida e os diferentes deslizamentos de sentidos de educação para os sujeitos alunos da EJA.

No *corpus* de análise do trabalho de Laraia (2013: 55), que foram os textos legislativos, desde a Primeira Constituição do Império, até o tempo presente, que normatiza a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, percebe-se um movimento no qual, pela história, vão se constituindo sentidos para o tema “Educação Funcional”, até irromper na forma da Lei, que legitima de certa forma um tipo específico de educação voltada para jovens e adultos. Há aí o que Pêcheux (2002) nos apresenta como um acontecimento discursivo. Para ele, no discurso há uma materialidade linguístico-histórica, o que nos leva a considerar algo que vai além do acontecimento histórico. Trata-se de pensar o discurso como uma materialidade constituída por uma estrutura e um acontecimento, sendo que esse caráter duplo se dá sempre na tensão dos elementos, no jogo do político, na instabilidade que constitui o sentido. Algo de novo irrompe e se mostra na linguagem. É o ponto de encontro entre a memória e a atualidade.

Além da memória oficializada, a pesquisadora Laraia atentou para as narrativas orais, explorando a relação dos sujeitos com o passado e o presente e como estes se constituem em sujeitos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Na sua análise, Laraia procurou demonstrar como o sentido de educação funcional está presente nos enunciados dos depoentes, na sua maioria aposentados e donas de casa. Isso nos leva a considerar que, no que se refere à fala dos entrevistados, o dizer, quando se materializa, o faz de uma determinada posição. Essa posição, de sujeito aluno de EJA, já determinada por uma certa “funcionalidade”, nos possibilita perceber o funcionamento da forma sujeito histórica capitalista, que produz no seu interior, um indivíduo pragmático.

A partir de pesquisas como esta realizada por Laraia (2013) podemos perceber a aproximação da Análise de Discurso com a História, em especial com os trabalhos que lidam com narrativas orais e ou discursos diversos oficializados. Observa-se que, pelo conhecimento histórico, a mestrandia construiu seu trabalho entrelaçando memória histórica e memória discursiva, dois conceitos de áreas diferentes que se aproximam diversas vezes na aplicação da análise e na efetivação da escrita, pois foi usando da

Análise de Discurso que a pesquisadora encontrou caminhos, para compreender o não dito, os entremeios dos diálogos com seus narradores e ou narradoras.

A região Sul mineira é composta por diferentes práticas culturais e cabe aqui demonstrar como é possível a relação da História com a Análise de Discurso nestes estudos. A pesquisa intitulada “A festa de 13 de maio: um acontecimento discursivo na cidade de Ipuiuna - MG”, realizada por Souza (2013), tem como objetivo compreender o processo de construção e significação do sujeito congadeiro através do entendimento dos festejos de São Benedito, de Santa Ifigênia e Nossa Senhora do Rosário, observando as formações discursivas presentes no festejo e como remetem à busca da identificação e do reconhecimento do sujeito congadeiro.

Neste estudo, Souza (2013) nos alerta que a história dos festejos está inserida em toda a memória histórica do sul de Minas, entendendo que toda a memória histórica foi construída a partir de uma formação discursiva e dentro de condições de produção específicas de determinados grupos sociais, fruto, portanto, de gestos de leitura, de documentos memorialistas com efeitos de sentido que nos remetem ao discurso fundador.

Ao olharmos para estas manifestações culturais - os festejos na cidade de Ipuiuna - Souza (2013) demonstra que existem diferentes formações discursivas e que é possível pensarmos também na forma como estas manifestações são vistas e como é sua relação com a sociedade local. Para isso, é necessário considerar a tradição católica dessas cidades e o discurso religioso que marca a constituição da sociedade em cada uma delas. Pensemos essa questão a partir da reflexão de Orlandi (1999)

Não há sentido sem interpretação, e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer? Nesse movimento de interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se já estivesse sempre lá (ORLANDI, 1999: 45).

O discurso religioso determina como serão interpretadas as manifestações culturais do festejo. Há aqueles que olham a partir da posição sujeito católico e há aqueles que se deslocam deste discurso para um discurso econômico, mas assujeitados pela ideologia, que segundo Orlandi (1999) “é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer.” Que efeitos de sentido são produzidos a partir do olhar do sujeito católico diante de tais manifestações?

Souza (2013) ainda vislumbra a atualidade, entretanto a temática proposta nos remete a compreensão das muitas memórias, da historicidade da região. Pensamos que no decorrer dos séculos que passaram, as interações entre os sujeitos que aqui se fixaram, determinaram o surgimento de relações de poder permeadas por estratégias de resistência e de controle, comuns a um Brasil escravista dos séculos XVIII e XIX, caracterizado pela miscigenação, traço marcante nas feições da população local atual. Tudo isso se materializa em seu objeto de análise, os diferentes discursos presentes no festejo.

Metodologicamente, o autor realiza um exercício multidisciplinar entre a História Cultural e a Análise de Discurso, através de um corpus documental composto de obras memorialistas, depoimentos orais e fotografias, tendo como foco observar como o sujeito congadeiro se constitui e se relaciona através do discurso presente nos festejos, produzindo efeitos de sentidos na sociedade e na história. Efeitos que são constitutivos do processo identitário sul mineiro

Entendemos que é na história que o discurso se constitui e é a partir do discurso que os sujeitos constroem sua história, e através da memória atribuem a ela sentidos que determinarão a permanência ou não de determinados discursos estabelecendo efeitos de sentido que contribuirão para a construção da identidade dos sujeitos (SOUZA, 2013: 7).

Foi pensando neste caminho entre a História e as Ciências da Linguagem, que o autor iniciou as análises dos depoimentos. Isso se mostra no seguinte fragmento de uma de suas entrevistas orais realizadas com Sá Chico, congadeiro da cidade de Ipuiuna-MG:

Eu saia da Zareia, morava lá, eu ia em Poço de Carda assistia a festa lá em Poços de Carda de São Benedito, e eu já naquela época gostava demais já, toda vida gostei de terno de congo então eu sempre tava lá cós terno de Congo dançando, tudo lá (Sá Chico, 2005).

Souza (2013), em sua análise, nos diz que este fragmento transcrito na forma oral traz um pouco da história do congadeiro conhecido como Sá Chico. Em seu depoimento o narrador explica que gosta de terno de congo e parece explícito em sua fala o desejo de dizer que essa prática de dançar congo é comum em sua vida. Sá Chico era líder de um terno de congos que levava seu nome, portanto considerado pelos moradores da cidade “guardião” das tradições e responsável pela continuidade de sua cultura. Em outro momento, o autor nos traz novamente um trecho do depoimento deste congadeiro, que ressalta a necessidade de ensinar às novas gerações suas tradições

Eu faço questão de que a rapaziadinha participa, tem uma bisneta pequenininha participando, é com tristeza que nois sabe que um dia nois vai morre mais vai fica nosso sucesso pra descendência do congado... quando foi no começo aqui nois juntemo a turminha e fizemo um almoço aqui, que dize que eu gosto é da unidade da família, porque se tem colega tem amizade, sem a união de quem gosta não tem festa (Sá Chico, 2005).

Foi partindo deste pequeno recorte do depoimento de Sá Chico que Souza (2013) observou que a congada fica caracterizada como uma festa, principalmente como uma festa de família marcada pela união e pela amizade. Além das questões presentes no depoimento, o autor afirma que:

Se compararmos com a definição de congada presente no Minidicionário escolar Aurélio, usado na escola de Ipuina, perceberemos a grande diferença de sentido: para quem utiliza a palavra congada em seu dia a dia, em uma língua real a palavra tem sentido de festa, mas no dicionário ela denota dramaticidade, palavra colocada no dicionário de uma forma que parece também com solenidade, ritual. Para o Sá Chico, no entanto é sinônimo de encontro e confraternização (SOUZA, 2013: 14).

Pensar a formação discursiva, neste trabalho, é fundamental para a relação que se estabelece entre Análise de Discurso e a História. Através da história de Ipuina, Souza (2013) encontrou diferentes sujeitos e diferentes formações discursivas que projetam práticas discursivas que se cruzam e se chocam criando diferentes efeitos de sentido no festejo, produzindo paráfrases e polissemias, fazendo um jogo entre o diferente e o mesmo, o que nos dizeres de Orlandi (2005: 28) “são duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente.”

Outro estudo que propõe pensar a história pela perspectiva discursiva, considerando o espaço da cidade e as relações de consumo, foi o trabalho intitulado “Consumo, espaço, memória” (Carrozza e Domingues, 2012), desenvolvido no interior do grupo DISUPI. Tal reflexão traz como tema a constituição da Avenida Doutor Lisboa, em Pouso Alegre – MG, e sua instituição como centro comercial da cidade. Através da análise de textos de memorialistas locais, relatórios administrativos, anúncios publicitários e jornais que datam do final do século XIX até meados do século XX, foi possível compreender como se instituiu, ao longo da história, pela linguagem, um sentido de centro para a avenida que transcende sua localização geográfica o que se estabelece, definitivamente, na década de 40 do século XX. Na continuação desse

trabalho, agora analisando a mesma avenida nos dias atuais, o foco do estudo está na relação da memória com uma certa lógica de mercado o que, na compreensão dos autores, produz o funcionamento do que vimos chamando de “memória rasa”. Há um movimento, que consideramos necessário para o funcionamento do mercado, no qual se produz um trabalho de esquecimento, quando um determinado estabelecimento comercial cede lugar a outro. Isso está sendo analisado através de entrevistas com transeuntes e moradores locais, quando questionados sobre a história da avenida. Na sua grande maioria, os entrevistados não chegam a se lembrar de lojas que, até bem pouco tempo atrás, ainda se encontravam em funcionamento, mas que foram substituídas por outras.

### **À guisa de uma conclusão**

Trabalhar com entrevistas é ter contato com a memória. E entender a memória é compreender que a história é constantemente recontada a partir de um ir e vir de recordações diferentes de tempos diversos, observando a reconstrução do passado vivido refletido nas memórias. A multiplicidade do tempo se dá em um mesmo momento nas falas dos depoentes: o hoje é carregado de diferentes temporalidades que são condensadas nas falas juntamente com os significados das lutas, tensões, vivências e sofrimentos vividos pelos narradores. O ir e vir da memória faz com que pensemos a história de forma múltipla, refletindo a diversidade da experiência e do próprio tempo (DOMINGUES, 2012). A subjetividade do narrador faz de suas memórias experiências únicas sobre acontecimentos vividos por muitos outros sujeitos.

Por outro lado, sabemos que o sujeito é sempre sujeito do discurso, e que um discurso só existe na relação com outros discursos. Isso quer dizer que também o pesquisador da história é sujeito dos discursos que aí circulam e, nesse sentido, falar de uma objetividade da história já coloca em questão a relação desse pesquisador com a ideologia, o simbólico e a própria história. É preciso, antes de tudo, considerar que inconsciente e ideologia estão materialmente ligados (PÊCHEUX, 2010) e que essa ligação se dá pela língua. É preciso, sobretudo, considerar que os depoimentos da história oral são, afinal, fatos de linguagem.

Dessa forma, utilizar nos trabalhos de pesquisa não apenas a noção de memória histórica, mas também a de memória discursiva, buscando compreender a formação discursiva, as práticas discursivas através da memória que se nos apresenta, é considerar

a historicidade do discurso, uma vez que “as memórias são, portanto, experiências historicamente construídas e constantemente modificadas que fazem do passado uma dimensão na constituição do presente” (DOMINGUES, 2007: 20).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD et al. *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

AZEVEDO, Patrícia Bastos de. Ensino de História e ação comunicativa: a racionalidade processual na História ensinada. In: *Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade*. Salvador: UFBA-FACED, 2008, n.13.

CARROZZA, Guilherme; DOMINGUES, Andrea S. Consumo, Espaço e Memória. In: *RUA [online]*. 2012, no. 18. Volume 2, 2012.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CAUQUELIN, Anne. *L'Art Du Lieu Commun*. Du bom usage de la doxa. Paris: Seuil, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

COURTINE, Jean-Jacques. “*Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens*”. Langages, França: Persee, 1981.

DOMINGUES, Andrea Silva. *A arte de falar: redescobrimos trajetórias e outras histórias da Colônia do Pulador Anastácio/MS*. Jundiaí: Paco, 2011.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Memória: o festejo de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis – MG*. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2007.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

LARAIA, Marilda de Castro. *Os modos de (se) dizer sujeito-aprendiz: Processos de identificação na Educação de Jovens e Adultos de Pouso Alegre – MG*. Pouso Alegre-MG: Dissertação de Mestrado. UNIVAS, Mestrado em Ciências da Linguagem, 2013.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas – São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

MONTEIRO, Ana Maria da Costa. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. In: *Revista do Laboratório de Ensino de História da Universidade Estadual de Londrina*, Londrina: UEL, 2003.

MUTTI, Regina Maria Varini. Análise de discurso e ensino de português: o que interessa ao professor. In: *Revista Entrelinhas (online)*. São Leopoldo – Rio Grande do Sul: UNISINOS, 2005.

ORLANDI, Eni P. (Org.). *Discurso e Políticas Públicas Urbanas – A fabricação do consenso*. Campinas: Editora RG, 2010.

\_\_\_\_\_. *Língua brasileira e outras histórias – Discurso sobre a língua e o ensino no Brasil*. Campinas: Editora RG, 2009.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Texto: Formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Discurso Fundador*. Campinas: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.

\_\_\_\_\_. *O que é linguística?* São Paulo: Brasiliense, 2009.

\_\_\_\_\_. Do sujeito na história e no simbólico. In: *Escritos* (4). Campinas: LABEURB, 1999.

\_\_\_\_\_. *Interpretação*. Vozes, Petrópolis, 1996.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.], Campinas: UNICAMP, 2010.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas: Pontes, 2002.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Revista Estudos Históricas*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade Social. In: *Revista Estudos Históricas*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? In: *Revista Projeto História- Cultura e Representação*. São Paulo: EDUC, 1997.

\_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Revista Projeto História- Ética e História Oral*. São Paulo: EDUC, 1997.

SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: EDUSP, 1997.

SOUZA, Denilson Vieira. *A festa de 13 de maio: um acontecimento discursivo na cidade de Ipuiuna-MG*. Projeto de Mestrado em Ciências da Linguagem. Pouso Alegre-MG: Univás, 2013.

## **ENTREVISTA**

Entrevista realizada por Denilson Vieira Souza, na cidade de Ipuiuna-MG em 15 de maio de 2005 com o depoente João Francisco Campos (Sá Chico), falecido, fundador da congada do Sá Chico de Ipuiuna.

Artigo recebido em 20/8/2013

Artigo aceito em 24/1/2014